REVISTA CORDIS

A AGÊNCIA DOCENTE ENTRE A FORMAÇÃO INICIAL E AS AUSÊNCIAS NO CENÁRIO ESCOLAR: CAMINHOS PARA UM ENSINO DE HISTÓRIA DAS MULHERES NO MEDIEVO

TEACHER AGENCY BETWEEN INITIAL TRAINING AND ABSENCES IN THE SCHOOL SETTING: PATHWAYS FOR TEACHING THE HISTORY OF WOMEN IN THE MIDDLE AGES

Luciano José Vianna[1]
Isabel de Sousa Rocha[2]
Caroline Santos Almeida de Oliveira Aguiar[3]

RESUMO: No presente artigo, apresentamos uma reflexão sobre a agência docente no ensino de História a partir de temas sobre a História das Mulheres no Medievo no sexto ano do Ensino Fundamental (EF) Anos Finais (AF). São trabalhados temas como o conteúdo sobre o Medievo nos livros didáticos e a ausência da temática feminina; a importância da formação inicial decolonial e da agência docente voltada para a interpretação curricular e a formação cidadã escolar a partir de temáticas voltadas para a História das Mulheres no Medievo. Para isso, adotamos a perspectiva da análise bibliográfica e documental. Como resultados, observamos que, a partir da formação inicial em História com base em perspectivas decoloniais, existem possibilidades de se realizar um ensino de História para a formação cidadã escolar a partir de interpretações dos objetos de conhecimento presentes no sexto ano do EF AF abordando temas sobre a História das Mulheres no Medievo.

PALAVRAS-CHAVE: Agência docente; Formação inicial em História; Formação decolonial; Mulheres Medievais; Ensino de História Medieval.

ABSTRACT: In this article, we reflect on teacher agency in history education, focusing on the history of women in the Middle Ages within the curriculum for the sixth year of lower secondary education (the first year of the final stage of elementary education in Brazil). We address topics such as the representation of the Middle Ages in textbooks and the absence of themes regarding women; the importance of decolonial initial teacher training; and teacher agency directed toward curriculum interpretation and

[1] Doutorado em “Cultures en contacte a la Mediterrània” pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Universidade de Pernambuco/campus Petrolina. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7355-7609 E-mail: luciano.vianna@upe.br
[2] Mestrado em Educação pelo PPGFPPI. Orcid: https://orcid.org/0009-0005-9171-5160 E-mail: isabel.srocha@upe.br
[3] Mestranda em Educação pelo PPGFPPI. Orcid: https://orcid.org/0009-0005-8113-4506 E-mail: caroline.saoaguiar@upe.br

fostering citizenship through the study of women's history in the medieval period. To this end, we employ a bibliographic and documentary analysis approach. Our findings indicate that initial history teacher training grounded in decolonial perspectives opens up possibilities for teaching history in a way that fosters citizenship specifically by reinterpreting the knowledge content of the sixth-year curriculum to incorporate themes concerning the history of women in the Middle Ages.

KEYWORDS: Teacher Agency; Initial Teacher Training; Decolonial Training; Medieval Women; Teaching Medieval History.

10.23925/2176-4174.37.2026e77616

Recebido em: 31/07/2026.

Aprovado em: 21/08/2026.

Publicado em: 11/09/2026.

Introdução

A formação inicial de docentes de História implica atualmente em uma série de questões vinculadas a diversos cenários, como, por exemplo, questões curriculares (Cavalcanti, 2021, p. 54), de orientação curricular (Catelli Júnior, 2019, p. 181-194) temas de importância formativa (Santos, 2018), demandas cidadãs contemporâneas (Audigier, 2016, p. 25-63), dentre outros.

Nesse sentido, um dos temas que mais tem se destacado nos últimos anos refere-se ao contexto das abordagens sobre a História das Mulheres no Medievo no ensino de História, não somente em aspectos formativos (Lima, 2021, p. 226-255), mas também no que diz respeito ao cenário legislativo (Brasil, 2014); entretanto, este tema ainda não apresenta uma situação aceitável quando observamos sua manifestação no contexto escolar (Lima, 2021, p. 226-255). Assim, embora esteja presente nas pesquisas que fazem parte da formação acadêmica (Scott, 1992, p. 63-95; Soihet, 2011, p. 263-283), sua manifestação no âmbito escolar ainda carece de algumas iniciativas, principalmente a partir da formação docente universitária.

Portanto, torna-se necessário discutir acerca da agência docente em História e sua importância para a promoção de um ensino de História Medieval decolonial que aborde o cenário feminino no contexto escolar, principalmente para promover um cenário formativo cidadão em face ao contexto de violência contra as mulheres na sociedade (Retrato dos feminicídios no Brasil, 2026). De certa forma, é necessário

esclarecer que este problema apresenta um vínculo complexo com outras demandas e necessidades, como, por exemplo, a formação continuada, a atualização profissional docente, uma maior aproximação entre o contexto universitário e o cenário escolar, entre outros. Entretanto, a abordagem específica deste artigo está voltada para uma reflexão sobre a agência docente entre a formação inicial em História e as ausências no cenário escolar, com foco no ensino de História das Mulheres no Medievo, a partir de uma intepretação dos objetos de conhecimento presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente no sexto ano do Ensino Fundamental (EF) Anos Finais (AF).

É correto afirmar que existe uma intrínseca relação entre as tendências historiográficas e as demandas sociais presentes na atualidade. Entretanto, também devemos considerar que nem sempre existe uma aproximação entre o contexto acadêmico no qual se realiza a formação inicial em História e o cenário escolar onde o ensino de História se manifesta no chão da sala em suas mais diversas facetas, tais como, os materiais didáticos, o contexto curricular e, vinculando ao tema deste artigo, a agência docente na preparação dos temas a serem trabalhados na formação cidadã escolar. Nesse sentido, este artigo enfatiza a importância da agência docente em História no que diz respeito às abordagens sobre a História das Mulheres no ensino de História Medieval frente a ausências deste tema nos materiais didáticos atuais e, além disso, também ressalta a importância de uma formação inicial em História a partir de reflexões decoloniais para que esta agência docente possa se manifestar frente às propostas curriculares, as quais, muitas vezes, são apresentadas de forma fechada e se manifestam em materiais prontos como os livros didáticos.

Em termos historiográficos, o campo de estudos História das Mulheres surgiu a partir da atuação do movimento feminista na década de 1960, ação que serviu para estabelecer, anos mais tarde, já vinculados a um âmbito universitário, os estudos sobre as mulheres como um campo definido de atuação investigativa para os historiadores e historiadoras. De uma forma geral, os diagnósticos identificam o desenvolvimento da história das mulheres relacionando-o com o auge do movimento feminista (Aurell y Burke, 2013, p. 287-340). Desde então surgiu um número cada vez maior de produções historiográficas (livros, artigos, etc...), ampliando, nas palavras de Joan Scott, o “campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado” (Scott, 1992, p. 64). De certo modo, duas das conquistas

realizadas por este movimento foram a criação um novo âmbito historiográfico que tornou visível os estudos sobre as mulheres e também a inserção da história das mulheres em outros campos historiográficos. Neste sentido, de acordo com Joan Scott:

> O acúmulo de monografias e artigos, o surgimento de controvérsias internas e o avanço de diálogos interpretativos, e ainda, a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram os indicadores familiares de um novo campo de estudo, legitimado em parte, ao que parecia, por sua grande distância da luta política. (...). A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise (Scott, 1992, p. 64-65).

Considerando o desenvolvimento deste campo de estudos, atualmente ainda é necessário que o mesmo tenha um reflexo na formação inicial docente e no ensino de História, de forma a congregar estes três espaços (desenvolvimento historiográfico; formação docente; ensino de História) para que as reflexões advindas deste campo possam se refletir no cenário escolar. Ademais, tal cenário precisa ser objeto de reflexão, pois recentemente foi publicada a Lei n. 14.986 de 25/09/2024, referente à alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), na qual foi incluída “a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio”, assim como a institucionalização da “Semana de valorização de mulheres que fizeram história no âmbito das escolas de educação básica no país” (Brasil, 2024).

Refletindo sobre este tema, e considerando o recorte temático deste dossiê, apresentamos esta proposta de reflexão sobre a importância da agência docente em História voltada para a abordagem sobre as mulheres medievais no ensino de História, especificamente no sexto ano do EF AF. No presente caso, exemplificaremos com uma possível interpretação dos objetos de conhecimento presentes na BNCC, precisamente no sexto ano do EF AF, considerando a existência de uma formação inicial docente em História decolonizada.

A abordagem apresentada neste artigo segue a proposta da pesquisa documental e bibliográfica. Em relação ao primeiro aspecto, realizamos uma intepretação dos objetos de conhecimento presentes na BNCC do sexto ano do EF AF e a partir desta interpretação propomos os temas vinculados ao cenário feminino que poderiam ser abordados no ensino de História Medieval. Segundo Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi:

> A característica da pesquisa documental é tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ter sido feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois (Lakatos; Marconi, 2017, p. 193).

Em relação ao segundo aspecto, de caráter bibliográfico, abordaremos as propostas de autores e autoras voltados para discussões sobre formação inicial docente, materiais/livros didáticos, BNCC, currículos, ensino de História, ensino de História Medieval e temas decoloniais em História. Neste sentido, de acordo com Cleber Cristiano Prodanov e Ernani Cesar de Freitas, a pesquisa bibliográfica ocorre a partir de uma análise de:

> livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Para isso, apresentamos os seguintes itens a seguir. Inicialmente problematizamos a situação da ausência feminina nos conteúdos sobre o Medievo nos livros didáticos de História. Posteriormente, refletimos sobre o embate entre a formação inicial decolonizada em História e o ensino de História Medieval direcionando a abordagem para a necessidade de uma nova e significativa formação cidadã escolar. A seguir, discutimos sobre a agência e a autonomia docente voltadas para a interpretação curricular e a promoção de um ensino de História decolonial sobre as mulheres no Medievo. Após isso, adentramos o campo dos aspectos curriculares, BNCC e do conteúdo sobre a História Medieval. Por fim, indicamos e refletimos sobre as possibilidades de abordagem sobre a História das Mulheres no ensino de História Medieval a partir de interpretações dos objetos de conhecimento presentes no sexto ano da BNCC do EF AF.

A constatação de uma ausência no conteúdo sobre o Medievo nos livros didáticos de História

Em termos formativos, constantemente é destacado que a formação docente no contexto acadêmico está muito distante do cenário do exercício da docência no contexto escolar (Gatti; Barreto; André; Almeida, 2019, p. 41), o que reflete muitas vezes na não preparação do egresso em História para atuar no chão da sala. Este aspecto se ressalta ainda mais quando observamos que este fato já ocorre há tempos (Nadai, 1993, p. 143-162), não sendo, portanto, uma novidade recente. Seguindo esta reflexão, o distanciamento se apresenta não somente na perspectiva historiográfica, mas também e sobretudo em termos temáticos, e principalmente decoloniais, vinculados à formação cidadã escolar. Nesse sentido, tornaram-se comuns afirmações de medievalistas que o Medievo que aparece em materiais como o livro didático, considerado um dos principais materiais docentes no chão da sala, ainda está atrelado a questões e temas um tanto quanto "tradicionais" em relação ao Medievo, (Lima, 2021, p. 226-255), resumindo, portanto, na frase de José Rivair Macedo de que: "a Idade Média ensinada na escola, todavia, não é a Idade Média dos pesquisadores" (Macedo, 2016, p. 112).

É nesse sentido que aqui recuperamos o sentido do termo "decolonial" quando nos referimos à pesquisa e ao ensino de História Medieval, considerando perfeitamente que estas duas dimensões estão atreladas em termos formativos acadêmicos e não podem ser dissociadas no processo de formação inicial em História. Por isso, a importância de se trabalhar com aspectos temáticos que estão na ordem do dia para uma significativa formação inicial docente em História, e principalmente para que esta formação possa se refletir no contexto do chão da sala no sentido de promover uma formação escolar cidadã.

É necessário considerar que a dimensão do ensino de História não está desvinculada da dimensão da pesquisa em História, recuperando o termo destacado por Selma Garrido Pimenta, ou seja, o "professor-pesquisador" (Pimenta, 2005, p. 09-22), o mesmo servindo para o contexto do ensino de História Medieval. Ou seja, para que ocorra um ensino de História Medieval é necessário que a perspectiva da pesquisa em História Medieval também exista. Para esta reflexão, é importante destacar o que Renan Marques Birro e Renato Viana Boy ressaltaram acerca das produções acadêmicas vinculadas a uma reflexão sobre o ensino de História Medieval:

> Ao perscrutar a produção nacional sobre o Ensino de História Medieval, com particular apreço por teses e dissertações, um(a) interessado(a) pode constatar algo rapidamente: entre 1942 (quando a primeira tese em História Medieval foi defendida) e 2020, raras são as reflexões que avançaram nesse sentido. Estamos próximos do centenário dos estudos medievais no Brasil e mesmo em mestrados profissionais em Ensino de História há poucos medievalistas. Enquanto abordagens, campos e recortes até então marginais ganharam espaço e força, as preocupações sobre ensino e medievo permaneceram episódicas e fora do centro de preocupações. (Birro; Boy, 2020, p. 5).

A proposta de uma formação inicial decolonial em História, portanto, vincula-se diretamente a possibilidade de realizar uma nova e significativa formação cidadã escolar, a qual precisa ser pensada a partir de demandas sociais contemporâneas. Para um ensino de História escolar significativo e atualizado é necessário pensá-lo a partir de problemas contemporâneos que permeiam a nossa sociedade e, consequentemente, o cotidiano discente escolar.

Considerado um dos principais materiais para uso docente no chão da sala, o livro didático de História apresenta algumas questões que podem ser problematizadas no que diz respeito ao seu uso e conteúdo, especificamente voltados para o ensino de História Medieval. Em termos gerais, uma das questões que ainda aparecem nos livros didáticos atuais no conteúdo de História Medieval é a sua narrativa política, ou seja, uma “predileção pela abordagem da história institucional e da história política factual do medievo” (Lima, 2021, p. 227) - talvez algum resquício do cenário historiográfico dos anos 1970 destacado por Jacques Le Goff (1990, p. 215-235) em um conhecido texto intitulado “A política será ainda a ossatura da História?” - , não favorecendo, por exemplo, aspectos que a própria História Cultural pode fornecer, como, uma discussão sobre a chamada “História vista de baixo” (Sharpe, 1992, p. 39-62), a questão dos marginalizados (Mollat, 1989), entre outras possibilidades, proporcionando um olhar mais social e cultural dos períodos históricos, sem contar as possibilidades que a História Global (Lima; Gomes, 2024, p. 31-56; Carvalho; Girardi; Figueiredo, 2021, p. 252-274) e a História Local e a História Regional (Zlatic, 2020, p. 65-156), poderiam favorecer no processo de renovação do ensino de História escolar no sentido de estabelecer um vínculo entre o ensino e a realidade local discente.

Entretanto, mesmo que o campo de estudos sobre a História das Mulheres tenha surgido em termos universitários desde os anos 1970, chama a atenção a ausência do mesmo em termos escolares, principalmente quando abordamos os livros didáticos de História. Em termos de História Medieval, tais materiais, na visão de

muitos autores e autoras, é considerado como uma das principais ferramentas no exercício docente no chão da sala (Pinheiro, 2021, p. 25; Lima, 2021, p. 394), porém, não contemplam as informações que já são trabalhadas na academia, sendo, portanto, mais um objeto no qual o distanciamento entre universidade e cenário escolar se manifesta. Por exemplo, Marta de Carvalho Silveira, há dez anos atrás, já havia alertado para esta situação nos livros didáticos:

> [...] as discussões em torno da história das mulheres medievais e das relações de gênero mostram-se ainda embrionárias nos livros didáticos e, em geral, descoladas de uma análise contextual, não oferecendo ao aluno, portanto, os elementos necessários para que possa identificar a forma como as mulheres eram vistas no contexto medieval sem cair nos perigos do anacronismo e para compreender a maneira como as relações de gênero são construídas historicamente (Silveira, 2017, p. 106).

É neste ponto que a agência docente entra em cena, como aspecto central para, a partir de uma formação inicial decolonizada em História, realizar um exercício de interpretação dos objetos de conhecimento presentes em termos de orientação curricular (BNCC) para favorecer uma nova e significativa formação cidadã escolar, trabalhando questões sobre a manifestação e presença ativa feminina no ensino de História Medieval e indo além do que os manuais didáticos apresentam atualmente.

Este cenário se confirma quando observamos pesquisas recentes sobre a presença feminina em manuais didáticos escolares e o resultado é não somente uma completa ausência, mas também uma falta de atualização, a qual poderia ser promovida por esta proximidade com o contexto acadêmico. Douglas Mota Xavier de Lima, em um artigo publicado em 2021, após analisar alguns livros didáticos de História recentes após a publicação da BNCC, apresenta esta conclusão:

> A BNCC prevê que o estudante brasileiro do 6º ano do Ensino Fundamental adquira a habilidade: “Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais”. Todavia, pelo o que foi evidenciado nos manuais escolares, ao menos em relação à Idade Média, os livros têm contribuído pouco para o alcance dessa habilidade, tanto no que diz respeitos aos enfoques dos textos, por vezes descontextualizados, quanto no que se refere ao trato com documentos escritos e imagéticos (...). Nos manuais escolares, continuamos a ler sobre mulheres de forma esporádica, dissociadas da narrativa principal por meio de itens separados e boxes explicativos. O discurso da opressão medieval sobre as mulheres, de uma sociedade patriarcal e misógina que restringia os espaços de atuação feminina, por mais relevante e correto historicamente, permanece unívoco e usado para promover uma abordagem estática sobre o passado, sem incorporar aportes historiográficos que há décadas têm demonstrado novos lugares sociais e, principalmente, protagonismos das mulheres medievais. A

> fim de romper com a noção de condicionamentos às mulheres, os livros persistem no recurso aos grandes nomes, como Joana d'Arc e Cristine de Pizan, personagens importantes do medievo que nos manuais não recebem a devida contextualização, sendo somente símbolos de uma exceção. (...) Nesse sentido, as mudanças vislumbradas pela BNCC resultaram num verniz de atualização nos manuais, onde as mulheres permanecem como seres alheios à história e à Idade Média, que se perpetua como Idade dos Homens, em outras palavras, nos livros didáticos pós-BNCC o novo já nasce velho (Lima, 2021, p. 248-249).

O conflito entre uma formação inicial decolonizada e o ensino de História Medieval: por uma nova e significativa formação cidadã escolar

No que se refere ao tema deste artigo, ou seja, as possibilidades de ensino de História Medieval a partir do cenário temático feminino, destacamos a recente publicação da Lei n.° 14.986 de 25 de setembro de 2024, a qual alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelecendo:

> [...] a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País (Brasil, 2024).

Em termos de formação docente em História, o tema sobre as mulheres já se faz presente há tempos nas produções historiográficas, desde o surgimento como campo de estudos nos anos 1970, fazendo parte de publicações e reflexões acadêmicas que estão presentes na formação dos futuros e futuras docentes em História. Ou seja, nesse sentido, é correto afirmar que as recentes formações iniciais em História, pelo menos nos últimos dez anos, passaram por uma formação decolonizada no sentido de que o período medieval não é mais visto e compreendido como um período histórico exclusivamente masculino.

Neste sentido, trabalhar na formação inicial em História com abordagens sobre o contexto feminino no Medievo é possibilitar o trabalho docente escolar a partir de um cenário de demandas sociais contemporâneas, favorecendo, por exemplo, o ensino voltado para as questões de abordagens sobre a História das Mulheres (Ferrari, 2021, p. 152-174) destacando reflexões sobre questões do seu dia a dia, do seu cotidiano, incentivando, assim, a construção de um pensamento crítico a partir de situações reais e vividas que permeiam o seu cotidiano (Audigier, 2016, p. 25-63). Para Erinaldo Cavalcanti:

> O que fazer para promover a conexão entre a História acadêmica e a vida cotidiana de homens e mulheres? O que fazer para a História não continuar estrangeira à vida prática dos homens? Não há receitas, todos sabemos. Porém, há um certo consenso de que as mudanças precisam acontecer e devem perpassar o currículo de História (...). (Cavalcanti, 2021, p. 54).

Neste sentido, de acordo com Vianna e Santos, a "[...] formação de cidadãos por parte dos professores de História deve ser realizada a partir de uma reflexão histórico-didática, problematizando o objeto/conteúdo a ponto de promover a formação da consciência histórica" (Vianna; Santos, 2020, p. 138). Portanto:

> o papel do educador transcende o de mero transmissor de conhecimento, ele tem o papel fundamental de modificar a sociedade despertando o senso crítico de seus alunos, para uma perspectiva multicultural de valorização das identidades e suas diferenças [e deve] ser o facilitador no processo de rompimento do olhar imposto por uma ideologia dominante que homogeneiza o que é conveniente e exclui o que julga inferior (Haonat; Costa, 2020, p. 56).

Este não é o cenário que encontramos, por exemplo, quando nos referimos ao ensino de História Medieval ao analisar livros didáticos de História, os quais apresentam um silenciamento ainda em relação a este tema (Lima, 2021). Nos referimos ao livro didático de História, uma vez que este objeto é considerado uma das principais ferramentas docentes em sala de aula, principalmente porque, considerando muitas condições laborais docentes atualmente, o fator tempo é um dos principais aspectos sempre considerado pelos professores no que diz respeito a sua atividade laboral (Caratti; Centeno, 2019, p. 3), o que faz com que se direcionem para os manuais didáticos para a preparação de suas aulas.

Por muito tempo, o ensino de História esteve voltado para questões historiográficas tradicionais, as quais reproduziam aspectos vinculados a uma escrita da História hegemônica, vista de cima, institucional. Tal situação se refletia, por exemplo, nas páginas de materiais didáticos, ainda o reflexo de uma história política, uma vez que apareciam aspectos vinculados a contextos políticos. Uma das consequências deste cenário era que os nomes de reis e as sucessões de dinastias se manifestavam em tais páginas, trazendo uma perspectiva de um ensino de História, e consequentemente também do ensino de História Medieval, masculino e sem a presença de personagens femininas.

Nesse sentido, foi graças a uma revisão historiográfica promovida por iniciativas como a chamada História das Mulheres que esta perspectiva foi sendo

revisada e alterada. Entretanto, ainda é nítido que esta abordagem histórica, embora já tenha se consolidado no contexto acadêmico, ainda não se manifestou como deveria no cenário educacional.

A história das mulheres como campo de estudo surge no contexto da chamada segunda leva do feminismo, no final da década de 1960, adentrando a seguir o contexto acadêmico. Logo após, em um cenário universitário, por volta da década de 1970, começam a surgir algumas reflexões nas quais as mulheres estavam como o centro do debate, refletindo-se em diversas áreas do conhecimento (Scott, 1992, p. 63-95). Em termos de produções voltadas para a História Medieval, muitas das primeiras obras que abordaram abertamente o cenário feminino no Medievo surgem precisamente neste contexto histórico, como, por exemplo, algumas obras de Georges Duby (1919-1996) e Régine Pernoud (1909-1998). Com isso, cada vez mais o contexto acadêmico foi se modificando aos poucos, fazendo com que este novo tema de pesquisa se expandisse e aos poucos se fixasse no cenário acadêmico até a atualidade.

Portanto, é necessário que estes dois âmbitos tenham mais contato para que possa ocorrer, no chão da sala, o que denominamos como uma nova e significativa formação cidadã escolar na qual as abordagens voltadas para o contexto feminino no período medieval possam ser abordadas e possam colaborar e fazer parte da formação cidadã escolar, principalmente considerando o contexto de violência contra o cenário feminino na atualidade (Retrato dos feminicídios no Brasil, 2026). Nesse sentido, mesmo com esta ausência nos materiais didáticos, é necessário refletir sobre o papel da agência docente em História frente às questões curriculares para se observar quais são as possibilidades de trabalho em termos de ensino de História Medieval a partir do tema História das Mulheres no Medievo.

A agência e a autonomia docente para uma interpretação curricular e a promoção de um ensino decolonial sobre as mulheres no Medievo

Durante a formação inicial em História, o futuro profissional se depara com uma diversidade de situações nas quais aprende a refletir sobre as diversas importâncias do ensino de História, seja através de uma perspectiva cidadã (Cerri, 2021, p. 16), seja através de um cenário de vínculo com o desenvolvimento historiográfico (Santos; Silva Júnior; Sousa, 2016, p. 253-277), seja através de perceber a importância das

chamadas demandas sociais contemporâneas (Ferrari, 2021, p. 168), as quais serviriam, por exemplo, para problematizar e dar sentido ao ensino de História na atualidade, rompendo com a barreira muitas vezes exclusiva da chamada História Política e preocupando-se com a perspectiva da formação cidadã no contexto escolar. Dessa forma, o exercício de contato conteudista, teórico e de prática formacional, ou seja, os estágios supervisionados, devem ser vistos de uma forma única e conjugada para que os futuros profissionais possam compreender melhor a sua posição como futuros docentes e a importância de suas atuações no chão da sala.

Nesse sentido, é necessário discutir sobre a importância da atuação docente no sentido da agência docente, a qual pode ser entendida como:

> os diferentes papéis a serem desempenhados por cada indivíduo envolvido no processo de formação, em face de diferentes situações enfrentadas ao longo deste processo. Trata-se de um processo de construção contínua de identidades, que se constituem na interação com outros sujeitos em diferentes situações, não sendo fixas, já que cada contexto poderá determinar o uso de uma – ou mais - identidade(s) do sujeito (Almeida, 2011, p. 66). (os grifos são nossos).

Destacamos a parte em itálico, na qual podemos identificar os diferentes momentos nos quais a formação docente em História acontece, seja nos momentos de discussão conteudista, seja nos momentos de formação teórica, seja nos momentos de formação de exercício da prática docente no chão da sala, todos estes voltados para a formação docente em História. De todas as formas, os professores de História precisam ter consciência de que o ensino de História é uma “arena de combate em que lutam os diversos agentes sociais da atualidade” (Cerri, 2021, p. 15-16) e que o seu papel nesta dinâmica é essencial para o desenvolvimento do cenário cidadão escolar, sendo, portanto, necessário que o seu protagonismo se manifeste:

> O estudo das formas e conteúdos pelos quais o conhecimento sobre o passado é mobilizado e manipulado publicamente para produzir tais ou quais efeitos públicos e privados, coletivos ou individuais, envolve por completo o estudo do ensino da história e seu aperfeiçoamento, pois desde suas origens europeias no século XIX, nossa disciplina científica e escolar participa intensamente desses jogos de saber-poder. *Logo, os professores de história somos também protagonistas desse jogo, voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente*. Produzimos, com nosso trabalho, parte de nossas identidades pessoais, políticas e profissionais, e participamos da constituição das identidades dos outros (Cerri, 2021, p. 16) (os grifos são nossos).

Dentre estes momentos, no caso deste artigo, vinculamos a discussão ao cenário da formação inicial docente pensando no ensino de História Medieval, com especificidade para o cenário feminino, ou seja, pensar a importância da agência docente no contexto do ensino de História Medieval, observando aspectos curriculares e destacando suas possibilidades de abordagem deste tema no contexto do ensino. Como foi apresentado no item anterior, o ensino de História Medieval com foco no contexto feminino ainda é visto como um cenário de ausências em termos de livros didáticos (Silveira, 2017, p. 80-107; Lima, 2021, p. 226-255), considerando o livro didático como um material "pronto" para ser utilizado pelo docente. Entretanto, nossa discussão se volta para uma interpretação do cenário curricular sobre as possibilidades de se abordar o ensino de História Medieval com foco no contexto feminino a partir de interpretações curriculares, especificamente a BNCC, ressaltando, portanto, a agência docente frente às ausências deste tema nos manuais didáticos atuais.

Nesse sentido, a proposta que apresentamos neste artigo é verificar a possibilidade de, a partir de uma formação inicial decolonial em História, interpretar os objetos de conhecimento presentes no sexto ano do EF AF, onde se encontram os conteúdos sobre História Medieval, para favorecer um ensino de História Medieval onde a presença feminina seja mais abordada, compensando a ausência deste tema em materiais didáticos de História atuais. Nesse sentido, além de abordar a perspectiva da agência docente é necessário também trabalhar com a perspectiva da autonomia docente, uma vez que, em se tratando de termos interpretativos curriculares, esta característica é inerente ao cenário da agência docente. Assim, considerando que os livros didáticos de História apresentam fragilidades temáticas e temas já prontos para serem trabalhados, é necessário destacar que, para que esta ação interpretativa decolonial se realize, o docente precisa ter passado por uma formação decolonial, com vistas a possibilitar reflexões sobre as possibilidades que pode encontrar em termos documentais. De acordo com Maria do Rosário da Cunha Peixoto:

> O conceito de ensino como pesquisa remete à profunda articulação entre ensino e aprendizagem e à *autonomia de professores* e alunos de se assumirem como sujeitos do processo histórico, de reconhecerem seu lugar no mundo e no processo de ensinar/aprender, o que supõe liberdade de opção e de opinião (Peixoto, 2015, p. 42) (os grifos são nossos).

Como podemos observar nas palavras de Peixoto, a autonomia docente está atrelada ao cenário do ensino como pesquisa, resgatando, assim, a figura do professor-pesquisador (Fagundes, 2016, p. 281-298). Entretanto, para o resgate da autonomia, do protagonismo e da agência docente a preparação inicial docente em História precisa estar atualizada em suas propostas temáticas formativas, de modo a proporcionar aos discentes na formação inicial em História a possibilidade de reflexão para estarem preparados para o chão da sala.

Aspectos curriculares, BNCC e o conteúdo sobre a História Medieval

O currículo, em seu aspecto histórico, sempre está relacionado ao cenário de demandas da sociedade que o elabora. Dessa forma, é correto afirmar que podemos encontrar uma historicização do currículo sempre que o relacionarmos com o contexto de elaboração. Segundo Tomas Tadeu Silva:

> O currículo está estreitamente relacionado às estruturas econômicas e sociais mais amplas. O currículo não é um corpo neutro, inocente e desinteressado de conhecimentos. (...) A seleção que constitui o currículo é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes (Silva, 1999, p. 46).

Embora não seja considerada como currículo e sim como uma orientação curricular, a BNCC passou por um processo de elaboração contínua durante aproximadamente quatro anos, nos quais observamos o que Jane Bittencourt denomina como “ciclo de políticas”, ou seja, uma ideia retomada de Stepthen Ball sobre as três grandes áreas que as políticas podem ser analisadas: o contexto de influência, o contexto de produção do texto e o contexto da prática política (Bittencourt, 2019, p. 553-569).

Formulada entre 2014 e 2017 e apresentando três versões, a BNCC é um documento norteador sobre as habilidades e competências que os alunos devem desenvolver durante a sua formação escolar. Ademais, a BNCC se refere a um documento orientativo que, de certa forma, é utilizado para a elaboração de livros didáticos, de currículos escolares, entre outros documentos escolares, mantendo, assim, a sua importância no cenário escolar. Em termos deste artigo, observamos como o período medieval é representado na BNCC, documento este que, mesmo

passados quase dez anos desde a sua publicação ainda suscita discussões e debates entre os profissionais da educação escolar e universitária, principalmente pelo fato de que o mesmo serve como base para as formulações curriculares da área de História e também os livros didáticos de História.

A BNCC foi implementada em 2017, fazendo parte desde então do cenário escolar, refletindo-se não somente no contexto das produções dos livros didáticos atuais, mas também na elaboração dos currículos municipais e estaduais brasileiros. Sendo assim, atualmente este documento faz parte do cotidiano escolar de forma efetiva, fazendo parte, consequentemente, do dia a dia do docente de História no chão da sala, por exemplo, no momento da preparação de sua aula, observando as habilidades e competências presentes no mesmo.

A BNCC passou por três momentos de produção antes da sua publicação final, em 2017. Para cada versão houve um contexto de produção distinto, no qual incidiu o que Jane Bittencourt denomina de “ciclo de políticas”, no qual incidem questões que implicam na produção documental, como, por exemplo, aspectos políticos e de interesse governamental (Bittencourt, 2019, p. 553-569). Como sabemos, a BNCC não se trata de currículo, porém, pode ser considerada uma orientação curricular, na medida em que se refere a uma publicação posterior aos PCNs da última década do século passado e, por isso, não deixa de apresentar uma relação com o contexto de produção. Como destaca Ivor Goodson, o currículo escolar é um:

> artefato social concebido para realizar determinados objetivos humanos, é a manifestação extrema das construções sociais (...) [e] proporciona um testemunho, uma fonte documental, um mapa variável do terreno: é também um dos melhores roteiros oficiais para a estrutura institucionalizada da educação (Goodson, 1997, p. 17; 20).

Em relação à área de História, muito se questionou em relação à apresentação dos temas abordados na BNCC, deixando uma sensação de mais do mesmo (Catelli Jr., 2019, p. 181-194). De forma específica em relação ao conteúdo de História Medieval, o mesmo oscilou entre ser eliminado em sua primeira versão (Lima, 2019, p. 3), um regresso a uma perspectiva conteudista tradicional ou conservadora em sua segunda versão (Lima, 2019, p. 7) e finalmente, em sua terceira e definitiva versão, com eixos amplos estruturados no sexto ano do EF AF com um Medievo mediterrânico pensado através de uma abordagem sociocultural (Lima, 2019, p. 12).

Possibilidades interpretativas sobre o ensino de História Medieval a partir de uma abordagem da História das Mulheres: agência docente e interpretação decolonial

Quadro 1- Possibilidades de abordagens da História das Mulheres no ensino de História Medieval de acordo com os objetos de conhecimento do sexto ano do EF AF na BNCC

Ano escolar	Unidade temática	Objetos de conhecimento	Habilidades	Possibilidades
	Lógicas de organização política	A passagem do mundo antigo para o mundo medieval.	(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.	1. Apresentar o cenário feminino nos séculos iniciais do período medieval
		A fragmentação do poder político na Idade Média.		2. As principais personagens femininas vinculadas ao contexto político e suas ações governamentais
		O Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio.	(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado	3. Trabalhar os cenários territoriais vinculados ao Mediterrâneo abordando os diferentes cenários das presenças femininas
Sexto ano	Trabalho e formas de organização social e cultural	Senhores e servos no mundo antigo e medieval.	(EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos. (EF06HI17) Diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo.	4. A diversidade feminina no contexto do feudalismo
		Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África).		5. A participação feminina na organização social do trabalho
		Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval.		6. A participação feminina no desenvolvimento comercial no Medievo
		O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média.	(EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de	7. Destacar a presença de mosteiros masculinos e

			organização social no período medieval.	femininos durante o período medieval e o mundo feminino monástico
		O papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval.	(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.	8. Abordagem dos diversos cenários do mundo feminino no Medievo, como educação, literatura, religioso

Fonte: Brasil (2017)

Quando interpretamos as outras possibilidades de se trabalhar com História das Mulheres no Medievo a partir do que é estabelecido nos objetos de conhecimento da BNCC, observamos a existência de uma considerável quantidade de trabalhos bibliográficos que abordam este tema, o que pode promover a viabilidade para a realização do mesmo. Em termos de produções bibliográficas recentes, é necessário destacar que já existem obras disponíveis em português que apresentam uma diversidade de possibilidades temáticas relacionadas ao tema feminino, tais como a obra *Vozes de mulheres da Idade Média* (2018) e *Mulheres intelectuais na Idade Média* (2019).

O quadro acima (Quadro 1) se refere às informações que encontramos no sexto ano do EF AF no conteúdo sobre História Medieval. A partir de um exercício de interpretação dos objetos de conhecimento presentes neste ano, propomos a abordagem destes oito itens como possibilidades de se trabalhar o ensino de História Medieval a partir de um viés temático feminino. Neste caso, a interpretação recai somente sobre os objetos de conhecimento, sendo que as habilidades se mantêm, pois as mesmas apresentam vínculos com as possibilidades de interpretação. A seguir apresentamos algumas possibilidades de interpretação a partir das indicações dos objetos de conhecimento presentes no quadro acima.

Possibilidade 1. Apresentar o cenário feminino nos séculos iniciais do período medieval. É possível apresentar o cenário feminino nos séculos iniciais do período medieval, por exemplo, a partir de uma abordagem sobre as chamadas leis germânicas, nas quais encontramos representações sobre o feminino, incluindo aspectos de diversidade social feminina (Leyes de los francos sálios y ley carolina, 2017). Esta abordagem poderia favorecer o ensino de História Medieval no sentido de

apresentar que desde o início deste período histórico esta diversidade já existia, auxiliando, portanto, no exercício de alteridade em relação à aprendizagem das especificidades do período.

Possibilidade 2. As principais personagens femininas vinculadas ao contexto político e suas ações governamentais. Um caso clássico que já está presente em muitos materiais didáticos é a representação do batismo de Clóvis (c. 466-511), o qual muitas vezes é destacado como uma iniciativa de sua esposa, Clotilde (c. 474-545). Entretanto, existem outras possibilidades de abordagem do cenário feminino neste sentido, como, por exemplo, a mãe de Agostinho (354-430), Santa Mônica (331-387), e sua representação na obra *Confissões* (397-401) (Confissões, 1997); ou até mesmo uma abordagem sobre a personagem Dhuoda (c. 800-843) a partir de recortes temáticos vinculados ao contexto educacional no Medievo (Dhuoda, 1995).

Possibilidade 3. Trabalhar os cenários territoriais vinculados ao Mediterrâneo abordando os diferentes cenários das presenças femininas. Para esta possibilidade, uma proposta interessante seria abordar a figura de Trótula de Ruggiero (1050-1097), a qual estava vinculada ao cenário mediterrânico (cidade de Salerno) e cuja abordagem não se faz presente na maioria dos livros didáticos atuais. Ademais, o trabalho com Trótula seria necessário para apresentar um espaço de presença e atuação feminina, nesse caso, as questões medicinais, e sobretudo para apresentar uma reflexão sobre a necessidade que existiu no século XI de se pensar obras voltadas exclusivamente para a saúde feminina, como foi o caso desta personagem (Trótula di Ruggiero, 2018).

Possibilidade 4. A diversidade feminina no contexto do feudalismo. Um recorte temático dentro do conteúdo de História Medieval que muitas vezes é abordado a partir de uma perspectiva tradicional é relacionado ao feudalismo, resumindo-se a questões políticas, deixando de lado outras possibilidades como a diversidade social feminina. Nesse sentido, a imagem das chamadas “Três ordens” serve para compreender este exemplo, pois as representações nela presentes foram formuladas a partir de uma abordagem masculina, sem a presença feminina (Vianna; Rodrigues, 2021, p. 499-522). Nesse sentido, trabalhar com uma diversidade social feminina neste recorte temático, principalmente a partir do auxílio das imagens, ajudaria a observar este período histórico de forma mais plural, ou seja, um mundo

formado pela presença não somente de mulheres nobres e da realeza, mas também camponesas, escritoras, trovadoras, santas, abadessas, entre outras personagens.

Possibilidade 5. A participação feminina na organização social do trabalho. Para esta possibilidade, o caminho mais adequado seria abordar esta diversidade da participação feminina a partir das representações visuais, nas quais encontraríamos uma diversidade social feminina, assim como poderíamos ampliar a discussão sobre a categoria trabalho vinculada ao ensino de História Medieval, categoria esta muitas vezes vinculada exclusivamente a uma representação tradicional do período, ampliando, por exemplo, para uma representação vinculada ao contexto literário, educacional, medicinal, filosófico, entre outros.

Possibilidade 6. A participação feminina no desenvolvimento comercial no Medievo. Esta é uma possibilidade a qual poderia ser abordada a partir de um contexto citadino, espaço no qual a mulher não teve muita participação no âmbito político, constituindo-se, portanto, como um contexto masculino (Le Goff, 1992, p. 181), destacando-se mais precisamente nos negócios familiares. Consequentemente, pela existência de uma narrativa voltada para o contexto político nos livros didáticos, esta possibilidade se apresenta com um potencial para romper com o que se encontra em tais materiais, favorecendo a abordagem de um outro Medievo citadino no chão da sala, fazendo com que a cidade medieval também fosse observada a partir de representações femininas.

Possibilidade 7. Destacar a presença de mosteiros masculinos e femininos durante o período medieval e o mundo feminino monástico. Esta é uma das principais possibilidades de se trabalhar o período medieval no cenário escolar de forma decolonizada, enfatizando a presença ativa feminina neste tema. Referimo-nos à presença de uma vida monástica não somente masculina, mas também feminina existente desde o começo do Medievo. É o que nos prova, por exemplo, a *Regula ad virgines*, ou *Regra para as Virgens*, escrita por Cesário de Arles (c. 470-534), e que em seu conteúdo é apresentado de forma clara que os mosteiros no início do período medieval se tratava de espaços onde, para as mulheres fazerem parte, era necessário saber ler (Regla para las virgenes, 2013). Entretanto, trabalhar com um tema como este significa desconstruir que desde o início do Medievo a presença feminina sempre se manifestou, com a presença tanto de mosteiros masculinos quanto de mosteiros femininos, o que serviria não apenas para

desconstruir a ideia de um Medievo masculino, mas também como um caminho decolonial voltado para o ensino de História Medieval abordando o cenário feminino.

Possibilidade 8. Abordagem dos diversos cenários do mundo feminino no Medievo, como educação, literatura, religião. Esta é uma das possibilidades com maior potencial para ser desenvolvida no chão da sala no ensino de História Medieval, pois praticamente pode abarcar todos os séculos do que se convencionou denominar Medievo e que hoje se reflete nos livros didáticos. Para este tema, por exemplo, encontramos a possibilidade vinculada ao cenário do século XIII, no qual o contexto feminino se destacou em várias áreas, tais como medicina (Pinheiro, 2017; Trótula di Ruggiero, 2018), contexto religioso (Vauchez, 1995, p. 125-159) e inclusive de defesa feminina contra os ataques masculinos, como é o caso das produções de Christine de Pizan (c. 1363-1430) com a obra *A cidade das damas* (2012) elaborada no começo do século XV (1405).

Considerações finais

Neste artigo, observamos as possibilidades de ensino de História Medieval a partir da temática História das Mulheres no Medievo a partir da agência docente promovida por uma formação inicial decolonial. As possibilidades apresentadas não são limitadas, pelo contrário, são somente algumas propostas que podem ser trabalhadas no chão da sala.

A partir da constatação da ausência feminina nos manuais didáticos atuais, principal ferramenta docente no contexto escolar, e principalmente da obrigatoriedade de se trabalhar esta temática em termos legislativos, é importante refletir sobre as possibilidades a partir da agência docente em História, realizando uma interpretação diretamente da orientação curricular, neste caso, BNCC, e promovendo então uma diversidade de possibilidades para se trabalhar com este tema no chão da sala.

Desse modo, a formação inicial decolonial é a chave para que esta proposta possa ser realizada, pois, através dela, a agência docente em História poderá interpretar os objetos de conhecimentos propostos a partir de demandas da sociedade na atualidade, como, por exemplo, a História das Mulheres, fazendo com que o ensino não somente se desvincule do contexto tradicional extremamente já criticado, mas também que um ensino de História Medieval mais significativo cada vez mais se torne realidade.

Referências bibliográficas

Fontes

BRASIL. **Lei n.º 14.986 de 25 de setembro de 2024**. Altera a Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1995 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14986-25-setembro-2024-796400-publicacaooriginal-173212-pl.html. Acesso em: 15 jul. 2026.

CHRISTINE DE PIZAN. **A cidade das damas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

DHUODA. **La Educación cristiana de mi hijo**. Pamplona: Editora Eunate, 1995.

Leyes de los francos sálicos y Lei sálica carolina. Colección leyes romanogermánicas. Grupo de investigación y estudios medievales. Centro de estudios históricos. Facultad de Humanidades. Universidad Nacional del Mar del Plata, 2017.

Regla para las virgenes, de San Cesáreo de Arles. **Cuadernos Monásticos**, p. 63-93, 2013.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

TRÓTULA DI RUGGIERO. **Sobre as doenças das mulheres**. Simoni, Karine; Deplagne, Luciana Calado (Org.). Tradução de Alder Ferreira Calado e Karine Simoni. Tubarão: Copiart; Florianópolis: UFSC/DLLE/PGET, 2018.

Bibliografia

ALMEIDA, Mariza Riva de. **Um olhar intercultural na formação de professores de língua estrangeiras**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2011. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/26086/Mariza%20Riva%20de%20Almeida_TESE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 31 jul. 2026.

AUDIGIER, François. História escolar, formação da cidadania e pesquisas didáticas. In: GUIMARÃES, Selva. (Org.). **Ensino de História e cidadania**. Campinas: Papirus, 2016, p. 25-63.

AURELL, Jaume y BURKE, Peter. Las tendencias recientes: del giro lingüístico a las historias alternativas. In: Comprender el pasado. **Una historia de la escritura y del pensamiento histórico** (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 287-340.

BIRRO, Renan; BOY, Renato. Ensino de História Medieval e História Pública: desafios atuais em formato de apresentação. In: BUENO, André; BIRRO, Renan; BOY, Renato (Orgs.). **Ensino de História Medieval e História Pública**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, p. 5-11. Disponível em:

https://lathimm.fflch.usp.br/sites/lathimm.fflch.usp.br/files/inline-files/2020.%20Ensino%20de%20Hist%C3%B3ria%20Medieval%20e%20Hist%C3%B3ria%20P%C3%BAblica.pdf. Acesso em: 31 jul. 2026.

BITTENCOURT, Jane. A Base Nacional Comum Curricular: uma análise a partir do ciclo de políticas. In: **Educere**. Anais eletrônicos do XIV Congresso Nacional de Educação, 16 a 19 de setembro de 2019. Formação de professores: diálogos. 2019, p. 553-569.

CARATTI, Jônatas Marques; CENTENO, Yasmim Fagundes. Reflexões sobre o uso do livro didático nas aulas de História (ensino fundamental e ensino médio). **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 05, edição especial, abr. p. 1-9, 2019. Disponível em: https://periodicos.claec.org/relacult/article/view/1216/932. Acesso em: 30 jul. 2026.

CARVALHO, Alexandre Galvão; GIRARDI, Lucas Werlang; FIGUEIREDO, Carolina Ferreira de. Diálogos entre a História Antiga e o Ensino de História: a História Global no currículo da BNCC do sexto ano. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 242-274, dez. 2021. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/62762/40555. Acesso em: 07 set. 2024.

CATELLI Jr. Roberto. BNCC e a história na educação básica: um pouco mais do mesmo. In: CÁSSIO, Fernando; CATELLI Jr. Roberto (Orgs.). **Educação é a Base?** 23 educadores discutem a BNCC. São Paulo: Ação Educativa, 2019, p. 181-194.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. **A história 'encastelada' e o ensino 'encurralado'**: escritos sobre história, ensino e formação docente. Curitiba: CRV, 2021.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 65, p. 281-298, abr./jun. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/RmXYydFLRBqmvYtK5vNGVCq/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 jun. 2026.

FERRARI, Anderson. As relações de gênero na BNCC de História: da ausência à resistência. **História, histórias**, v. 9, n. 17, p. 152-174, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/33344. Acesso em: 03 jun. 2026.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019, p. 15-44. Disponível em: https://www.fcc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Livro_ProfessoresDoBrasil.pdf. Acesso em: 29 jul. 2026.

GOODSON, Ivor F. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

GUIMARÃES, Selva; SILVA, Marcos. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas: Papirus, 2012.

HAONAT, Angela Issa; COSTA, Edilia Ayres Neta. O multiculturalismo e um novo olhar sobre o outro: a importância de se educar para a diversidade. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 3, p. 50-58, 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1033. Acesso em: 31 jul. 2026.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.

LIMA, Daniel Rodrigues de; GOMES, Cristiane Carvalho. A História Global como forma de pluralização da História ensinada na Educação Básica. **ETS Humanitas - Revista de Ciências Humanas**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 31-56, jan.-jul., 2024. Disponível em: https://esabere.com/index.php/ehumanitas/article/view/80/54. Acesso em: 07 set. 2024.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. A Idade Média nos livros didáticos. In: **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: [livro eletrônico]: experiências nacionais e internacionais. Organizador: Luciano José Vianna. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 394-415. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1u90QbBa34iedo3FSill0ia9SSj1ffw1w/view. Acesso em: 27 jul. 2026.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. O novo já nasce velho: a Idade Média pós-BNCC e a questão da mulher medieval nos livros didáticos de História do Guia PNLD-2020. **Brathair**, v. 1, n. 21, p. 226-255, 2021. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2465/1909. Acesso em: 22 jul. 2026.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Uma história contestada: a História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017). **Anos 90**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 26, p. 1-21, 2019. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/87750. Acesso em: 31 jul. 2026.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2016, p. 109-125.

MOLLAT, Michel. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 1989.

Mulheres intelectuais na Idade Média: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística [recurso eletrônico]. Marcos Roberto Nunes Costa; Rafael Ferreira Costa (Organizadores). Porto Alegre: Editora Fi, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1OlSh3Q_LNkKRlSoJLLuQ9EM4B1abFaTz/view. Acesso em: 31 jul. 2026.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, 1993. Disponível em: https://snh2013.anpuh.org/resources/download/1348495168_ARQUIVO_revista_v13_elza-nadai.pdf. Acesso em: 28 jul. 2026.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a História no ensino fundamental. Como e por que aprender/ensinar História. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 28, n. 53, p. 37-70, jan./jun. 2015. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/32765. Acesso em: 16 mai. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor-pesquisador: mitos e possibilidades. **Contrapontos**, v. 5, n. 1, p. 09-22, jan/abr 2005. Disponível: https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/802/654. Acesso em: 09 mai. 2026.

PINHEIRO, Mirtes Emília. Desafios e perspectivas. O enfoque sobre o feminino medieval no ensino fundamental. In: **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: [livro eletrônico]: experiências nacionais e internacionais. Organizador: Luciano José Vianna. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 19-50. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1u90QbBa34iedo3FSill0ia9SSj1ffw1w/view. Acesso em: 27 jul. 2026.

PINHEIRO, Mirtes Emília. **Desvendando Eva**: o feminino em Hildegarda de Bingen. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/8ab45050-9fda-4397-b414-289e7ed59f39/content. Acesso em: 31 jul. 2026.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf. Acesso em: 15 jul. 2026.

Retrato dos feminicídios no Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2026/03/nota-tecnica-dia-mulher-2026.pdf. Acesso em: 31 jul. 2026.

SANTOS, Vivian Matias Dos. Notas desobedientes: Decolonialidade e a contribuição para a Crítica Feminista à Ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. e200112,

2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112. Acesso em: 17 jul. 2026.

SANTOS, Franciele Amaral Rodrigues dos; SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da Silva; SOUSA, José Josberto Montenegro. Diferentes fontes e linguagens nas aulas de História e a formação cidadã de jovens estudantes do Ensino Médio. In: GUIMARÃES, Selva (Org.). **Ensino de História e cidadania**. Campinas: Papirus Editora, 2016, p. 253-277.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 63-95.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 39-62.

SILVA, Tomas Tadeu. Documentos de identidade: **Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Marta de Carvalho. A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 11, n.2, p. 80-107, 2017. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/11851. Acesso em 31 jul. 2026.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIANNA, Luciano J.; SANTOS, Lorene Rose Ribeiro dos. O Medievo como laboratório educacional: formação docente, práxis pedagógica, demandas sociais curriculares atuais e abordagens contemporâneas interdisciplinares In: **Experiências formativas em educação, saúde e ambiente**. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 133-146.

VIANNA, Luciano J; RODRIGUES, Juliana Gomes. O uso de fontes visuais medievais na formação de professores: um exercício de (des)construção histórica. In: **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: [livro eletrônico]: experiências nacionais e internacionais. Organizador: Luciano José Vianna. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 499-522. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1u90QbBa34iedo3FSiIl0ia9SSj1ffw1w/view. Acesso em: 22 jul. 2026.

Vozes de mulheres da Idade Média. Cláudia Costa Brochado; Luciana Calado Deplagne (Organizadoras). João Pessoa: Editora UFPB, 2018. Disponível em: https://www.editora.ufpb.br/press5/index.php/UFPB/catalog/view/464/524/2968. Acesso em: 31 jul. 2026.

ZLATIC, Carlos Eduardo. **História Regional**: convergências entre o local e o global. Curitiba: Intersaberes, 2020.